

Populismo conservador e ressentimento: genealogia de uma sinonímia¹

Gabriel Cabral Gonçalves Gomes²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, UFF

RESUMO

A ideia deste trabalho é apresentar uma pesquisa que articula as recentes transformações midiáticas e sociais com, de um lado, a ascensão do populismo radical de direita e, de outro, teorias conspiratórias e *fake news* veiculadas nas novas mídias sociais a partir de um viés filosófico: o conceito de ressentimento tal como elaborado por Nietzsche. A partir de uma perspectiva foucaultiana da raridade dos discursos, pergunta-se por que certos discursos surgem neste momento histórico, o que implica pensar as transformações midiáticas e sociais ocorridas nos últimos anos. Desloca-se a análise, então, usando o conceito de ressentimento, para o âmbito de uma suposta subjetividade conservadora, com sua, ao mesmo tempo, sustentação e emergência residida no ressentimento. O ressentimento fornece uma chave de interpretação aos fenômenos analisados porque 1) explica a sustentação de um discurso conservador a partir da atribuição de responsabilidade, grosso modo, a culpa é do *outro* – no caso, aqui, a política tradicional, a esquerda e depois o discurso científico na pandemia; 2) explica a adesão e compartilhamento de *fake news* e teorias conspiratórias, já que estas se dão, no âmbito do discurso conservador brasileiro, de modo que tencionam desqualificar os inimigos morais e, portanto, atribuição de responsabilidade a outros. Vê-se estes movimentos como expressões do ressentimento do conservadorismo e, ao mesmo tempo, sua sustentação, já que a aderência às crenças ilusórias permite diminuir a impotência diante da realidade, como no caso da pandemia e das mudanças no campo da moralidade com o multiculturalismo.

PALAVRAS-CHAVE: ressentimento; *fake news*; teorias conspiratórias; populismo de direita; psicologia moral; mídias digitais

INTRODUÇÃO

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura das Universidade Federal Fluminense e Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa trata da ascensão do populismo radical de direita no Brasil e seu entrelaçamento com a circulação de *fake news* e teorias da conspiração. Cas Mudde (2004) argumenta, em texto dos anos 2000, que estaríamos vivendo um *Populist Zeitgeist*. Uma das causas dessa ascensão do populismo, para Mudde, é o crescimento de mídias privadas a partir dos anos 60 (MUDDE, 2004). Regidas por leis de mercado, essas mídias foram recorrendo, cada vez mais, a conteúdos “polêmicos” e extremos com relação à política. Mudde escreve, então, que essas mudanças midiáticas “fortaleceram sentimentos anti-elite na população, como também forneceram o lugar perfeito para populistas, que acharam não só uma audiência receptiva, mas também um meio bastante receptivo” (MUDDE, 2004, p. 553, tradução nossa).

Mudde chamou esse fenômeno de normalização e *mainstreaming* da direita radical (MUDDE, 2019). Com o avanço das mídias sociais, o argumento de Mudde é radicalizado e o populismo espalha-se de forma exponencial, a partir da reiteração de mensagens em grupo e pela maximização da resposta dada pelos algoritmos a conteúdos apelativos. Por outro lado, as perdas simbólicas e materiais sofridas ao longo do processo de globalização e intensificação do neoliberalismo, criaram um ambiente propício à propagação da retórica populista (MUDDE, 2019; BROWN, 2019a; FASSIN, 2019). Em suma, então, esta pesquisa trata destes dois grandes movimentos que podem ser identificados como causas da ascensão do populismo conservador e sua objetivação em *fake news* e teorias conspiratórias: 1) a dimensão das transformações midiáticas e 2) a dimensão das transformações psicossociais e econômicas a partir da intensificação do neoliberalismo e da globalização.

As transformações recentes de cunho tecno-político fazem com que a comunicação do eleitor com o líder político se transforme drasticamente, operando uma mediatização constante. Também é essa mudança de paradigma comunicacional uma das condições da polarização política que vivemos (VAZ; MELO, 2021), afinal, sem os filtros da mídia comunicacional, líderes políticos podem mais facilmente construir metanarrativas sobre si e seu eleitorado, criando um maior engajamento intersubjetivo. Engajamento intersubjetivo que é alavancado pelas mensagens de cunho apelativo, como teorias da conspiração e *fake news*, constantemente reiterados pelos algoritmos, que favorecem mensagens extremas. Esse engajamento comporta, de certa forma, uma dupla relação: constrói e manipula crenças do eleitorado, ao mesmo tempo que só pode fazê-lo na medida em que existe uma própria predisposição do receptor para tal. Essa

predisposição é dada, argumenta-se, pela impotência experimentada por certos grupos a partir da perda de seu lugar distintivo, a partir das transformações sociais e morais acarretadas pela globalização.

A ascensão do multiculturalismo coloca em xeque a hegemonia de certos grupos sociais e, portanto, pautas como igualdade racial e de gênero, aborto, diversidade sexual, viram pautas a serem atacadas dentro de uma agenda de fomento de guerra cultural realizada pela extrema-direita. Esse movimento de ataque ao multiculturalismo é uma reação à perda subjetiva e material ocorrida nos últimos anos, tanto pela financeirização de todos os aspectos da vida cotidiana pelo neoliberalismo, quanto também pelas conquistas dos movimentos sociais – política de cotas, por exemplo. Então, conservadores sentem-se duplamente afetados e seu ressentimento contra essas mudanças pode ser facilmente explorado pelo discurso populista. Além disso, a forma de comunicação promovida pelas redes sociais parece favorecer a propagação do ressentimento e do ódio, incitando a formação de crenças extremas e da permanência dos sujeitos em câmaras de eco (NGUYEN, 2020).

A NORMALIZAÇÃO DO POPULISMO CONSERVADOR E A DINÂMICA DO RESSENTIMENTO

Em primeiro lugar, parte-se da compreensão foucaultiana de neoliberalismo (FOUCAULT, 2008) enquanto um tipo de governamentalidade, um dispositivo discursivo – o mercado como lugar de formação de verdade – que produz modos de subjetividades específicos, para compreender o contexto de ação do populismo conservador no Brasil. Pensar o neoliberalismo é crucial como ponto de partida dessa pesquisa porque sua ascensão nos últimos anos pode ser vista como uma das causas da ascensão da extrema-direita (MUDDE, 2019). Como Brown (2019) argumenta

essa política do ressentimento emerge dos historicamente dominantes quando sentem sua dominância ruir – já que a branquitude, especialmente, mas também a masculinidade, oferecem limitada proteção contra os deslocamentos e perdas que quarenta anos de neoliberalismo geraram nas classes trabalhadora e média (BROWN, 2019, p. 175, tradução minha).

Essas transformações de cunho psicossocial também foram marcantes no Brasil desde a ascensão de governos de esquerda e das conquistas dos movimentos sociais: parte da classe média e da classe trabalhadora sentiu-se lesada, principalmente após a crise econômica. A perda de hegemonia nos espaços públicos e privados, a ascensão da discussão sobre gênero e raça, são certamente fatores que deslocam, ao menos

simbolicamente, o lugar daqueles que antes eram ainda mais privilegiados. A ideia básica então é que, o ressentimento, sendo interpretado enquanto uma reação ao sofrimento (DELEUZE, 2018; NIETZSCHE, 2009; REGINSTER, 2016, 2021), serve como um afeto crucial para o discurso dos populistas conservadores. Essa dinâmica do ressentimento dá-se sob a forma da interpretação do sofrimento, sobretudo na forma da acusação. Portanto, a dinâmica do ressentimento tem uma relação crucial com as definições de teoria da conspiração e populismo utilizadas nesse trabalho já que, por exemplo, teoria da conspiração, como argumenta Keeley, é “[...] uma explicação proposta sobre algum evento (ou eventos) histórico(s) em termos da agência causal de um grupo relativamente pequeno – os conspiradores – agindo em segredo” (2019, p. 116, tradução nossa). Dessa forma, o que a teoria da conspiração faz é explicar um evento em termos da ação causal de um grupo imoral. Igualmente, grosso modo, fazem os fracos e ressentidos aos quais Nietzsche se refere na sua *Genealogia da Moral*: frente à sua impotência com relação ao real, o que fazem é dizer que sofrem por causa de um *outro*, assim aplacando seu sentimento de impotência.

O ressentimento, dessa forma, é veiculado a partir do discurso, notadamente o discurso moral, em torno desse outro. O argumento fica certamente mais claro se analisarmos uma passagem em que Reginster (2021) explicita isso:

A Genealogia de Nietzsche mostra que a perspectiva moral, e seus julgamentos básicos, é adequada para desempenhar um certo papel na economia emocional dos agentes morais. Isso [a perspectiva moral] pode servir como um veículo de expressão de seu ressentimento e o preenchimento de necessidades emocionais que lhe está subjacente (REGINSTER, 2021, p. 3, tradução minha).

A partir disso, pode-se pensar aquilo para a que Nunes (2022) chamou a atenção recentemente: as *fake news* e o discurso da extrema-direita respondem às necessidades de seus receptores. Pode-se propor, então, que essa necessidade é a de externalização desse ressentimento, utilizando-o como uma forma de interpretação do sofrimento causado pelas perdas da globalização e as transformações culturais recentes. Por outro lado, existe a afinidade entre o discurso populista e as novas mídias sociais (GERBAUDO, 2018) com o aumento exponencial da circulação de informação e, conseqüentemente, o aumento também de *fake news*. Essas *fake news* são, constantemente, associadas com movimentos maiores de desqualificação de inimigos políticos, o que inclui teorias da conspiração de acusação dos opositores.

Assim, um ponto importante de discussão para essa pesquisa é a possibilidade que as redes colocam de formação de câmaras de eco. As câmaras de eco são, na definição de Nguyen (2020), um tipo de formação onde seus “membros compartilham crenças que incluem razões para desconfiar de quem está fora da câmara de eco. Câmaras de eco funcionam sistematicamente isolando seus membros de outras fontes epistêmicas” (p. 2, tradução minha). Esse movimento está imbricado com o que Rini (2017) chamou de epistemologia partidária, a saber, a ideia de que a crença em informações veiculadas pelas redes sociais é amplificada pela semelhança partidária. Isso quer dizer que, se quem compartilha a informação é percebido como semelhante moral e politicamente por quem recebe, a tendência de se acreditar é muito maior. Como mostrado, aqueles que gostam de Bolsonaro tendem a ser negacionistas, tal como aqueles identificados como antipetistas; ainda, indivíduos identificados como evangélicos, grupo que fortemente apoia Bolsonaro, também defendem seu negacionismo (RENNÓ; AVRITZER; CARVALHO, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, a veiculação de informações pelas redes sociais, então, satisfaz determinadas posições preestabelecidas política e moralmente e conteúdos polêmicos são alavancados pelos algoritmos, gerando maiores repercussões. Sodré (2019) escreve, por exemplo, que as *fake news* tem motivações psicológicas, reiterando sempre a informação desejada. Pode-se propor, então, que o discurso do populismo conservador – de modo geral, envolvendo tanto o discurso da pessoa Jair Bolsonaro ou as *fake news* e teorias conspiratórias veiculadas nas redes – funcionam satisfazendo necessidades psíquicas dos eleitores. Esta pesquisa propõe então que se pense essas necessidades psíquicas como advindas das transformações culturais e econômicas dos últimos anos, e que se pense o elemento de impotência causado por essas transformações, cerne do ressentimento. É a partir desses elementos (*fake news*, ressentimento, mudanças morais e econômicas), que se pode pensar como existe um movimento de cada vez mais tornar normal posições políticas de extrema-direita, assim como concepções morais de extrema-direita, porquanto a direita radical ocupa cada vez mais o espaço da direita clássica. Nesse sentido, é crucial para essa pesquisa compreender os afetos circulantes nessas dinâmicas políticas e tentar entrever como seu funcionamento se dá, com o intuito de fazer a crítica.

REFERÊNCIAS

BROWN, W. **In the ruins of neoliberalism: the rise of antidemocratic politics in the west.** Nova Iorque: Columbia University Press, 2019.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia.** São Paulo: n-1 edições, 2018.

DE MELO, Cristina Teixeira Vieira; VAZ, Paulo. Guerras Culturais. **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 1-40, 2021.

FASSIN, Éric. **Populismo e ressentimento em tempos neoliberais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979).** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GERBAUDO, Paolo. Social media and populism: an elective affinity? **Media, culture & society**, Thousand Oaks, v. 40, n. 5, p. 745-753, 2018.

KEELEY, Brian L. Of conspiracy theories. *In*: COADY, David (Ed.). **Conspiracy Theories.** Londres: Routledge, 2019. p. 45-60.

MUDDE, Cas. The Populist Zeitgeist. **Government and opposition**, Cambridge, v. 39, n. 4, p. 541-563, 2004.

MUDDE, Cas. **The far right today.** Cambridge: Polity Press, 2019.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NGUYEN, C. Thi. Echo chambers and epistemic bubbles. **Episteme**, Londres, v. 17, n. 2, p. 141-161, 2020.

NUNES, Rodrigo. **Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição.** São Paulo: Ubu Editora, 2022.

REGINSTER, Bernard. Ressentimento, poder e valor. **Cadernos Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro, v.37, n.1, p. 44-70, 2016.

REGINSTER, Bernard. **The Will to Nothingness: An Essay on Nietzsche's On the Genealogy of Morality.** Oxford/Nova York: Oxford University Press, 2021.

RENNÓ, Lucio; AVRITZER, Leonardo; CARVALHO, P. Entrenching right-wing populism under covid-19: denialism, social mobility, and government evaluation in Brazil. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 36, p. 1-29, 2021.

RINI, Regina. Fake news and partisan epistemology. **Kennedy Institute of Ethics Journal**, Baltimore, v. 27, n. 2, p. E-43-E-64, 2017.

SODRÉ, Muniz. O facto falso: Do factoide às fake news. *In*: FIGUEIRA, J.; SANTOS, S. (Org.) **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 87-100, 2019.